

Keka Reis

O DIA EM QUE A
MINHA
VIDA
MUDOU

por causa de
um chocolate comprado
nas Ilhas Maldivas

ilustrações
vin vogel

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright do texto © 2017 by Keka Reis
Copyright das ilustrações © 2017 by Vin Vogel

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO Bruno Romão
ILUSTRAÇÃO DE CAPA Vin Vogel
PREPARAÇÃO Antonio Castro
REVISÃO Renata Lopes Del Nero e Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Reis, Keka

O dia em que a minha vida mudou por causa de um chocolate
comprado nas ilhas Maldivas / Keka Reis ; ilustrações Vin Vogel. — 1ª ed.
— São Paulo : Seguinte, 2017.

ISBN 978-85-5534-047-5

1. Ficção juvenil I. Vogel, Vin. II. Título.

17-05283

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br



/editoraseguinte



@editoraseguinte



Editora Seguinte



editoraseguinte



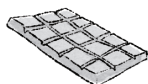
editoraseguinteoficial

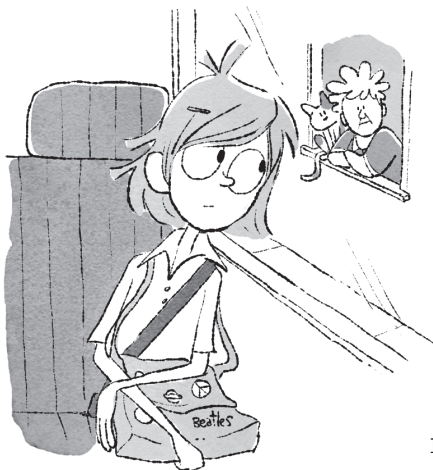
Para Róger e Alice,
os protagonistas da minha história mais bonita.

Começo da manhã

Ontem começou como um dia normal. Nem muito quente nem muito frio. Leite com chocolate, pão com muita manteiga e a mesma ligação da minha mãe, que já estava na academia, perguntando se eu tinha comido tudo e pedindo que não me atrasasse para a peruca.

Eu não me atraso. Nunca fui de me atrasar. A peruca sim, sempre me deixa esperando por muitas e muitas horas. Minutos, pra falar a verdade. Mas que parecem horas. E a desculpa do Gilbertão, o motorista estressado que, apesar de ter esse apelido, não deve medir mais de um metro e sessenta, é sempre a mesma: cidade grande, obras, trânsito, gente chata buzinando. Normal.





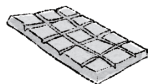
O caminho até a escola foi bem tranquilo. Na verdade, foi igual a todos os dias. A velhinha na janela da casa cinza, com jeito de quem queria falar alguma coisa, mas não falava nada, o Gilbertão de cara amarrada, a mulher

dele apressada e apressando as crianças, apesar de a atrasada ser ela. Igual, tudo igual.

Na escola, nada de mais. Lição feita, professora com o nariz um pouco mais vermelho do que o normal — seria uma gripe eterna? Aprendi há pouco tempo o significado da palavra “eterno” e acho que se aplica a quase tudo na vida. A chamada foi na mesma ordem, a aula de português não foi mais complicada do que a do dia anterior e a Jade estava com a voz fina de sempre, o cabelo mais liso do que nunca e a vontade de aparecer não cabendo dentro dela, de tão grande que era. E olha que a Jade é muito pequena.

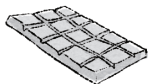
A Jade

A Jade merece uma explicação, porque a chatice dela é eterna. A Jade, como a minha tia Ucha costuma dizer, é um capítulo à parte. Ela é magra e bem baixinha. Tem cara de ratinho assustado, tipo aquelas personagens que têm uma única fala no filme, aparecem na cena correndo de um lado para o outro, falam alguma coisa sem muito sentido e depois somem. Talvez ela saiba disso. Muito provavelmente percebeu a semelhança entre ela e o ratinho e, pra compensar, resolveu aparecer de verdade. A Jade é muito inteligente. Consegue ser a menina mais barulhenta da classe e tirar as melhores notas em tudo, sempre. Ninguém entende, mas eu sei que é porque ela é megaesperta, arrogante e eterna. Ela não tem



problemas com ninguém em especial, mas vive um caso de amor e ódio com tudo e todos ao mesmo tempo. Acho que até com ela mesma, ou pelo menos é o que a minha mãe diz. Minha mãe não conhece a Jade direito e o pouco que sabe da garota é pelas coisas que eu falo. E eu não falo muito, especialmente sobre a minha vida na escola e a Jade. É que a minha mãe tem a mania de querer saber tudo e tudo vira uma conversa. É como se tocasse uma trombeta dessas de filmes antigos, anunciando que o príncipe regente vai chegar. Tuturururu, agora é hora de conversar. E tudo vira a tal da conversa. Sobre coisas esquisitas e adultas, que eu não tenho a menor vontade de falar ou saber. A Jade virou conversa. Mesmo sem eu dizer nada, ela soube por uma outra mãe da escola o episódio do lanche. Minha mãe disse que ela era carente, devia ter pouca atenção em casa. Problemas na família. Para a minha mãe, todo mundo tem problemas na família. Mas vou deixar ela de lado, porque a minha mãe também merece um capítulo à parte. Voltando para a Jade: além de ser baixinha, ratinha de voz assustada, barulhenta e boa aluna ao mesmo tempo, ela usa a unha pinta-

da e comprida e sempre fala umas palavras difíceis que ninguém entende. Fala não, grita. “Eterno”, eu aprendi com a Jade. “Bacanosa” também, no dia em que ela me disse: “Sabe, Mia, apesar dessa sua cara supernormal e totalmente sem graça, tenho certeza que um dia você ainda vai mostrar para o mundo que é uma garota bacanosa”.



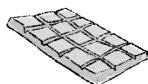
Começo da manhã, na aula de ciências

O dia não estava muito interessante. Teve uma aula básica de ciências, a Jade ficou tentando desconcentrar a professora, o Lico dormiu, as Júlias conversaram e o Bereba ficou lendo uma página do livro, muito mais para a frente do que a página em que a professora estava.

Até que começou um surto de risadas na classe. Sim, aquilo tudo poderia ser um indício de que a manhã estava deixando de ser uma manhã como outra qualquer para virar um marco na minha vida. Nossa, que coisa mais adulta. Um marco na vida parece uma coisa muito importante.

Mas o surto de risadas não foi tão marcante assim. Alguém começou a rir baixinho. E, de repen-

te, o surto tomou conta da classe, como uma onda toma conta de uma cidade nos tais tsunamis. Mas depois, quando a Júlia P. me contou o motivo de tanta risada, eu não achei graça nenhuma. Era o tipo de piada velha para o sexto ano.



Era o tipo de piada velha para o sexto ano

Chamar a professora Haydée de ciborgue? Piada MUITO velha. Que graça poderia ter aquilo, agora que a professora Haydée é só mais uma, perdida em meio a tantos outros professores, matérias, cadernos e responsabilidades? Sim, eu estou no sexto ano. Toda a minha classe está. E algumas piadas deveriam parar de fazer sentido.

Um dia, quando eu ainda estava na terceira série, a professora Haydée entrou sem querer na nossa sala. Ela usava um colete ortopédico para o pescoço. Daquele tipo de colete que as pessoas que têm torcicolo usam. Ela entrou, percebeu o erro e saiu. Tudo em quatro ou cinco segundos. Um tempo curto, mas grande o suficiente para ela ganhar o

apelido de ciborgue para sempre.

Esse apelido deve ter sido dado pela Jade, que até levantou da carteira, pediu licença para ir ao banheiro e foi atrás da professora Haydée no corredor, só para ver se ela tinha um zíper nas costas. Supostamente os ciborgues têm zíper nas costas.

